

TERRITÓRIO, ÚLTIMA FRONTEIRA DE CIDADANIA?

João Ferrão¹

1. EXTREMOS EM CONFRONTO: LOCALISMO GLOBOFÓBICO E GLOBALIZAÇÃO UNIFORMIZANTE

Os discursos actuais sobre o território encontram-se demasiado espartilhados por duas visões antagónicas, uma que valoriza exacerbadamente as virtualidades locais, outra que invoca, de forma resignada ou mesmo com satisfação, a inevitável uniformização do planeta. É certo que, no interior de cada uma delas, se podem detectar diferenças, por vezes subtis, no que se refere à argumentação apresentada. Mas não é menos verdade que o impacte mediático destes dois discursos tem ampliado, exagerada mas eficazmente, a sua ressonância social, esbatendo a visibilidade de outras visões sobre o território ou, de forma mais correcta, sobre o significado e a evolução da diversidade territorial.

Esses dois discursos antagónicos correspondem, no fundo, às duas faces de uma mesma moeda, reforçando-se reciprocamente. Torna-se, por isso, necessário e urgente escapar a essa polarização, encaminhando o debate para outras vias, desejavelmente mais ricas e promissoras. É esse o objectivo principal dos comentários que se seguem.

Os nomes ajudam a identificar pessoas, objectos, realidades, situações, dando-lhes autonomia e visibilidade. Desde que apropriados, os nomes funcionam como sintetizadores de um conjunto amplo de características que, embora complexas, podem ser resumidas a partir dos seus traços mais fortes. Importa, portanto, baptizar as duas visões antagónicas em confronto: chamaremos *localismo globofóbico* à que valoriza exacerbadamente as virtualidades locais e *globalização uniformizadora* à que defende, por resignação ou aposta, a inevitável homogeneização do planeta. Vejamos, então, alguns dos traços essenciais de cada uma delas.

Os discursos que podemos englobar na visão de *localismo globofóbico*² partilham três convicções principais:

- o “local” constitui o espaço por excelência de valorização da diversidade e, portanto, de resistência às

pressões para a crescente uniformização decorrentes dos processos de globalização económica e cultural;

- o território, entendido como espaço simultaneamente morfológico, funcional e vivido, constitui uma fonte natural e insubstituível de sentimentos de pertença colectiva e, portanto, um factor crucial de formação e recriação das distintas comunidades;
- a tetralogia autenticidade / património comum / memória social / identidade colectiva, essencial para a preservação sustentada da diferença num mundo ameaçado pela uniformização, encontra nas dinâmicas locais de proximidade e nas características específicas de cada território um apoio fundamental.

O localismo globofóbico tem alimentado os mais variados mitos, do neoruralismo ao novo urbanismo revivalista ou aos recentes fundamentalismos nacionalistas. Em todas estas situações, o território surge como o fiel depositário do bom passado, real ou imaginado, que se procura projectar para o futuro dado que é encarado como a única via eficaz para resistir aos efeitos homogeneizadores da globalização.

Também os discursos que podemos englobar na visão de *globalização uniformizadora* partilham três aspectos principais:

- a diluição das especificidades territoriais é considerada como positiva e inevitável, reflectindo a vitória de um mercado que está em vias de concretizar o velho sonho da economia neoclássica: a existência de um espaço mundial isotrópico; afinal, e como alguém referiu, as diferenças regionais decorrentes da história e da cultura não passam de meras rugosidades que o mercado se encarregará de aplanar...
- a transformação dos territórios em meros espaços topológicos de fluxos e redes, em que pessoas e organizações interagem e comunicam finalmente libertos dos constrangimentos dos espaços físicos graças à generalização das novas tecnologias de informação: a sociedade moderna venceu a natureza, emancipando-se das restrições do meio; a sociedade pós-moderna venceu o espaço físico, construindo ciberespaços virtuais onde a acessibilidade electró-

¹ Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

² BOURDIN (2000) refere-se, a este propósito, à “vulgate localista” (ver, sobretudo, pp. 213-218).

nica torna irrelevante as explicações associadas à tradição Newtoniana (JANELLE e HODGE, eds., 2000);

- a intangibilidade das identidades pós-modernas e a transformação dos territórios em hiper-realidades³, isto é, a emergência de um novo mundo onde as imagens e as simulações substituem a própria realidade: as novas identidades, instantâneas e voláteis, são estruturalmente desterritorializadas porque libertas de qualquer espaço concreto (FERRÃO, no prelo).

A globalização uniformizadora alimentou vários mitos, da constituição do McMundo ao anúncio do fim dos territórios e da geografia.

Que fazer com estas duas famílias de discursos? Aceitar a “justaposição paradoxal de opostos” (CACHINHO, no prelo) como manifestação característica das sociedades contemporâneas? Procurar um novo caminho, externo a este debate? Ou recorrer à dialéctica para construir, por hibridização selectiva, um discurso alternativo? Creio que a história da geografia, e o património intelectual que esta nos deixou, permite encontrar uma resposta interessante para estas questões.

2. DO CONFRONTO À INTEGRAÇÃO: ESPAÇO GEOGRÁFICO E ESPAÇO DE FLUXOS

Os autores pioneiros da geografia moderna insistiram, e bem, na distinção entre uma geografia geral, preocupada em entender os grandes padrões de circulação e distribuição de diferentes fenómenos à superfície terrestre, e uma geografia regional, centrada na análise das características internas de cada área. Mais recentemente, diversos autores (por exemplo, CASTELLS, 1989) salientaram o facto de as sociedades se estruturarem a partir de dois tipos de espaços: o espaço geográfico e o espaço de fluxos.

O estudo de um determinado espaço geográfico tende a relevar dois aspectos: as suas características internas, que lhe garantem unidade, e as diferenças que apresenta em relação a outros espaços, que lhe conferem distinção. Estes vários espaços – em geral, mas não necessariamente, designados por regiões – associam-se entre si, constituindo mosaicos mais ou menos complexos, que, como um favo de mel, traduzem uma realidade espacialmente contígua marcada simultaneamente pela unidade e pela diversidade. A proximidade física é, nestes casos, decisiva tanto para cada um dos espaços geográficos como para as relações que estes estabelecem entre si.

³ É interessante ver, a este propósito, a tese de ASCHER (2000) acerca das cidades das “sociedades hiper-texto”.

O espaço de fluxos é bem distinto. Mais do que responder à área de extensão de determinadas características morfológicas, funcionais ou simbólicas, ele traduz processos de interacção que definem diferentes graus de integração regional, quer interna quer externa. A importância atribuída à distância física e à contiguidade espacial na análise dos espaços geográficos perde peso a favor do conceito de conectividade. A organização em rede – de lugares, regiões, países ou espaços supra-nacionais – contrasta com a organização em mosaico referida no parágrafo anterior.

A consideração conjunta destes dois tipos de espaços – geográfico e de fluxos – remete para a necessidade, tão persistentemente defendida pelos pioneiros da geografia moderna, de articular geografia geral e geografia regional, mesmo tendo em conta que o entendimento actual de “geral” e “regional” é distinto do que prevaleceu durante décadas no trabalho de muitos geógrafos. Trata-se, afinal, de actualizar os conceitos de *sítio* e *posição*, recorrentemente utilizados em estudos sobre aglomerações urbanas desenvolvidos no âmbito da escola tradicional francesa. O *sítio* corresponde a um dos exemplos possíveis de espaço geográfico; a *posição* ilustra o conceito de espaço de fluxos. Ora, é da conjugação dos dois, que se torna possível uma visão integrada das realidades em análise⁴.

O recurso simultâneo aos conceitos de espaço geográfico e de espaço de fluxos permite um novo olhar sobre o antagonismo existente entre as visões de localismo globofóbico e de globalização uniformizadora. Na verdade, o horror aos efeitos homogeneizadores dos processos de globalização leva os primeiros a valorizar excessivamente o conceito de espaço geográfico em torno das virtualidades do “local” preservado. Simetricamente, o desprezo pela diversidade territorial, ou uma visão simplista e determinista dos processos de globalização, explicam que os segundos construam discursos centrados no conceito de espaço de fluxos, atribuindo ao espaço geográfico um estatuto de realidade em extinção (o fim dos territórios e da geografia).

Uma leitura atenta do mundo de hoje permite, no entanto, comprovar a artificialidade de qualquer uma destas visões: ironicamente, os níveis extremos de concentração espacial de população e de actividades a que hoje assistimos coincide com uma fase em que pareceria legítimo supor que a liberalização das fronteiras, a desregulação dos mercados e a expansão das novas tecnologias

⁴ Para uma aplicação conjugada das ideias de organização em mosaico e em rede ao caso de Portugal, ver FERRÃO (1999). Para uma discussão mais ampla acerca destas duas formas de organização espacial, consultar MALHEIROS (2001), sobretudo Capítulo 1.

de informação estimulassem distribuições mais uniformes à superfície terrestre. Afinal, e pelo contrário, a intensificação dos espaços de fluxos tem vindo a reforçar a diferenciação dos espaços geográficos.

O problema de ambas as visões reside no facto de atribuírem um carácter exclusivo aos processos e mecanismos a que se referem. Este tipo de leitura promove a oposição e o antagonismo, impedindo uma postura relacional. A crítica às posições de localismo globofóbico e de globalização uniformizadora pressupõe, por isso, a construção de um conceito capaz de evitar falsas dicotomias em torno de uma visão integrada dos espaços geográficos e de fluxos.

3. O (NOVO) CONCEITO DE MEIO

A consideração conjunta dos traços essenciais dos espaços geográficos (proximidade física, homogeneidade, distinção, organização em mosaico) e dos espaços de fluxos (interacção, integração, conectividade, organização em rede) sugere a necessidade de um conceito capaz de captar, em simultâneo e em interacção, aquelas duas componentes.

Nos últimos anos, e com este mesmo propósito, têm sido propostos vários novos conceitos, como, por exemplo, os de *meio inovador* (AIDALOT, 1986) ou de *meio localizado* (BOURDIN, 2000). Neste contexto, talvez seja interessante para a geografia recuperar o seu tradicional conceito de meio, ultrapassando o conteúdo sobretudo naturalista que então lhe era atribuído.

Um meio localizado, com as suas componentes territorializadas e em rede, constitui um contexto particular de interacção e de acção. Imagine-se, por exemplo, a população de um bairro de uma grande metrópole esmagadoramente ocupado por uma minoria étnica articulada em rede não só com comunidades do país de origem mas também com comunidades irmãs espalhadas por diversos continentes. É face a este meio, englobando locais que podem distar milhares de quilómetros entre si, que se desenvolve grande parte dos processos de socialização, de aquisição de competências sociais, dessa população (meio localizado como contexto de interacção entre indivíduos e organizações). É também face a esse meio que se vão consolidando no seio dessa população referências comuns que favorecem a acção colectiva, umas vezes espontânea, outras organizada (meio localizado como contexto de acção de indivíduos e organizações)⁵.

⁵ Acerca do crescente funcionamento em rede de comunidades de emigrantes ver a interessante dissertação de doutoramento de MALHEIROS, 2001.

O mesmo raciocínio pode ser utilizado para espaços tão distintos como um parque de ciência e tecnologia, uma ilha turística do Mediterrâneo, o bairro da moda de Paris ou o Alentejo. Qualquer uma destas realidades apenas será apreendida na sua globalidade se analisada como um meio cujas particularidades decorrem simultaneamente das suas características enquanto espaço geográfico e espaço de fluxos. Ninguém, por muito isolado que se encontre, vive exclusivamente num espaço de proximidade. Mas também ninguém vive, por mais intensamente que recorra às novas tecnologias de informação e comunicação, num espaço exclusivamente de fluxos.

A importância dos contactos estabelecidos entre diferentes civilizações para a configuração de novas realidades geográficas há muito que foi superiormente salientada por autores como Orlando Ribeiro. Ora o mundo é hoje mais interactivo, mais pequeno (SALGUEIRO, 1992). Nunca, como nas sociedades contemporâneas, os espaços geográficos e de fluxos interagiram com tanta intensidade, recriando-se interactivamente a ritmos bem diferentes dos que marcaram as modificações ditadas pelos grandes encontros de civilizações da segunda metade do passado milénio.

É certamente a intensidade destas mudanças que leva a que uns procurem resistir recorrendo à ideia de preservação do “bom, velho e autêntico local” e que outros empolem, ingénua ou arrogantemente, a desterritorialização crescente das sociedades de hoje. Aos primeiros, convém relembrar o efeito pernicioso que ao longo da história da humanidade sempre tiveram as estratégias reactivas guiadas por uma visão estritamente passadista. Aos segundos, convém relembrar as consequências ambientais dramáticas desencadeadas pela arrogância moderna de libertação face ao jugo da natureza. A ambos, e a todos nós, geógrafos, convém relembrar que a superação de falsas dicotomias se faz a partir de visões relacionais, capazes de articular aspectos que outros consideram estruturalmente exclusivos.

4. TERRITÓRIO, ÚLTIMA FRONTEIRA DA CIDADANIA?

É possível, agora, tentar responder à questão enunciada no título desta apresentação.

Para os que partilham visões de localismo globofóbico, o território (aqui identificado com espaço geográfico) é a única fonte segura de cidadania, não por razões político-administrativas mas porque o “local” constitui o último espaço de resistência, e portanto de sobrevivência, de práticas sociais, valores e actividades em perigo de extinção por influência de poderosos factores externos associados aos processos de globalização.

Para os que partilham visões de globalização uniformizadora, a questão não tem sentido: a cidadania global é construída noutros palcos, não territorializados.

A perspectiva relacional dos meios localizados aponta num sentido distinto: o território constitui, de facto, uma componente essencial dos processos de construção social da cidadania, pelos contextos particulares de interacção social e de acção colectiva que propicia. Mas não detém, obviamente, o monopólio desses processos. O mundo de hoje, mais do que nunca, pressupõe uma articulação complexa entre identidades exclusivas e identidades universalistas (BOURDIN, 2000; PAASI, 2001). As dinâmicas territoriais, de proximidade, são essenciais para entender uma parte substancial das primeiras. Mas a compreensão de ambas exige uma outra visão. Deste ponto de vista, o conceito de meio localizado parece bem mais promissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCHER, F. (2000) - *Ces événements nous dépassent, feignons d'en être les organisateurs. Essai sur la société contemporaine*. Editions de l'Aube, Paris.
- AYDALOT, P. (1986) - *Milieus innovateurs en Europe*. GREMI, Paris.
- BOURDIN, A. (2000) - *La Question locale*. PUF, Paris.
- CACHINHO, H. (no prelo) - "Identidades, consumo e mudança social". *Revista Arquivo de Beja*.
- CASTELLS, M. (1989) - *The informational city*. Blackwell, Oxford.
- FERRÃO, J. (1999) - "As geografias do País". *JANUS 1999-2000*, Público e Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, pp. 184-187.
- FERRÃO, J. (no prelo) - "Identidade e território: uma relação a esclarecer". *Revista Arquivo de Beja*.
- JANELLE, D. G. e HODGE D. C. (eds) (2000) - *Information, place and cyberspace. Issues in accessibility*. Springer, Berlin.
- MALHEIROS, J. Macaísta (2001) - *Arquipélagos migratórios: Transnacionalismo e inovação*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PAASI, A. (2001) - "Europe as a social process and discourse. Considerations of place, boundaries and identity". *European Urban and Regional Studies*, 8 (1), pp. 7-28.
- SALGUEIRO, T. Barata (1992) - "O mundo está cada vez mais pequeno", comunicação apresentada ao 1º Congresso de Geografia Portuguesa, APG, Lisboa.